



POR LUIZ BERSOU,
DIRETOR DO INSTITUTO ÉPICO DE ADMINISTRAÇÃO
✉: LUIZBERSOU@BCACONSULTORIA.COM.BR

CONHECIMENTO, RIQUEZA E PODER (1)

História

A história nos revela ciclos de construção do conhecimento muito relevantes, sempre com as mesmas características de gerar e distribuir conhecimento. Fica por conta da sociedade multiplicar esse conhecimento. Nesse processo, temos muito a aprender para aplicar em nossos negócios e também no desenvolvimento do Brasil.

Mesopotâmia, Egito e Grécia

Nações com histórias ligadas ao Crescente Fértil consolidaram conhecimento, a partir do qual deram sustentação a governos e ao progresso econômico. Quando falamos de Atenas, falamos dos homens que lá viveram. Havia todo um acervo que era compartilhado com quem se apresentasse.

Já a Biblioteca de Alexandria era, de certa forma, um ponto de encontro do mundo de então – ponto de encontro dos que sabiam que não sabiam e, por isso mesmo, construíram muita sabedoria. Esse local dedicado a armazenar o conhecimento era um centro de conferências dos que iam lá para debater. Tivemos, então, um grande ciclo de produção e, principalmente, distribuição de conhecimento que beneficiou a todos daquela época. Resumo da história? Os países precisam de centros de conhecimento profundo que são centros de conferência nas bibliotecas, e não simples réplicas que se encontram por aí, na internet.

Gutenberg, Lutero e a Reforma

Gutenberg tinha inventado a máquina de imprimir por tipos em 1439. Preparou o caminho para uma revolução de conhecimento. Quando Lutero fez verter a Bíblia em 1534 para os dialetos germânicos, já com os recursos disponíveis de impressão e distribuição, criou um fenômeno. O povo correu para aprender a ler e escrever e, assim, poder ter acesso à Bíblia. Aprendendo a ler e escrever, ficaram habilitados a receber outros conhecimentos. Isso fez explodir uma replicação de conhecimento que mudou o mundo, tendo como consequência direta mais conhecimento e mais riqueza. No final, tiramos dessa história o ensinamento de que os países precisam gerar e distribuir conhecimento.

Uma associação interessante – a distribuição do conhecimento a partir da Biblioteca de Alexandria e Kiev

Eu estava certa vez em Kiev, na Ucrânia, percorrendo a cidade, onde passamos por diversas bibliotecas. A um dado momento, che-

guei até a comentar: "Aqui há mais bibliotecas do que farmácias". Realmente me confirmaram que eu estava certo em minha percepção sobre a cidade de Kiev.

A partir dessa visão, questões interessantes surgiram, como o programa espacial soviético, que era, na verdade, sustentado por ucranianos. O programa nuclear era ucraniano também. Para quem não sabe, Chernobyl fica em Pripyat, na Ucrânia. Dois dos famosos caças Mig russos, presentes no Museu da TAM, perto de São Carlos (SP), foram desenhados e construídos na Ucrânia. Também são ucranianos os maiores aviões de carga do mundo, os Antonov.

Diante desse cenário, podemos concluir que as bibliotecas como fonte de distribuição e consolidação de conhecimento geram enorme capacidade de realização aos povos. Em tempo: trabalhei com ucranianos, os quais demonstraram excepcional qualidade de formação.

Ensino, conhecimento, construção da riqueza e poder

Quando morava em Milão, década de 1960/1970, tive a oportunidade de perceber um fato característico da alma italiana: as profissões são muito respeitadas. Naquele período, o nome de qualquer cidadão vinha antecedido de "Engenheiro", assim como "Médico", "Advogado", "Contador", "Padeiro", "Agricultor" e assim por diante. Havia, porém, algo muito nobre: a profissão do professor era a mais valorizada de todas: Professor Doutor Engenheiro xxxx; Professor Advogado xxxx... Os cidadãos se levantavam e cumprimentavam o professor.

Pude observar um fenômeno extraordinário: a Itália havia mudado sua política industrial, antes voltada aos grandes grupos empresariais e, em seguida, focada na média e na pequena empresa – e isso deu certo. Um ciclo enorme de produção de riqueza se formou. Foi muito rápido e deu muito certo, porque havia conhecimento na base, e a população fora direcionada para novas formas de empreendimento. O povo respeitava o conhecimento. Mais do que isso, muito diferente daqui, as autoridades respeitavam o conhecimento. Deu tudo certo por um bom tempo.

Da história da Itália, podemos compreender que os países precisam gerar conhecimento, distribuí-lo e induzir a sociedade a respeitar e valorizar o conhecimento também. Infelizmente, tenho visto comentários de que a meritocracia faz mal para o Brasil. Como se dizia na Grécia antiga, o conhecimento é o pavimento sobre o qual fazemos nossa caminhada.

Estruturas de conhecimento, explosão do conhecimento, explosões tecnológicas e inovação

Trabalhei alguns anos em Grenoble, na França, em um dos mais produtivos centros de inovação de que se tem notícia. A origem dessa capacidade está em duas referências: Charles Darwin, em seu livro *A Origem das Espécies*, e Henri Bergson, em *A Evolução Criadora*.

Já fiz conferências no Brasil a professores da Academia com base nessas duas obras, mostrando como a natureza é uma fantástica produtora de inovação, sempre em busca de minimalismo, menor consumo de energia, maior taxa de conversão de energia, alongamento do perfil de vida e sobrevivência. A natureza ensina aos que querem aprender, e observei que as grandes empresas que tiveram sucesso na inovação aplicaram os conceitos mencionados nos livros de Darwin e Bergson.

Podemos entender que a natureza processa, classifica, estoca e prioriza informação, para, assim, produzir inovação. A informação vem primeiro; a inovação, depois. Temos então na natureza uma máquina fantástica de ensino da inovação que está completamente exposta e visível a todos. Cabe aqui fazer uma referência à frase da esfinge egípcia: "Decifra-me". Os que se dedicam a decifrá-la obtêm uma boa resposta.

O resumo dessa história pode ser feito da seguinte forma: gerar, distribuir, valorizar e renovar o conhecimento pela inovação são mecanismos que temos à nossa frente, absolutamente expostos, bastando que nos interessemos para obter resultados.

Os setores produtivos, a inovação e a geração de conhecimento

O colapso de nossos sistemas de ensino tem levado muitas empresas a investir pesadamente na formação de profissionais – algumas vezes, infelizmente, para perdê-los em seguida.

Cabem aqui alguns comentários: distinguir o que é treinamento, especialização operacional e formação do indivíduo pensante. Se a empresa precisa ensinar o colaborador a fixar um prego ou usar um computador ou uma máquina operatriz, estará formando um ser que responde ao comando com competência, mas que faz exatamente isso: responde a um comando. A contribuição em resposta é proporcional ao treinamento.

Acontece que as empresas precisam de muito mais; precisam de colaboradores que deem uma resposta muito maior do que o conteúdo que receberam. Todas as empresas precisam de analistas exigentes e profundos, de seres criativos e inovadores, que buscam as soluções que faltam – tudo isso com alguns elementos novos que custam a aparecer, como o enfrentamento do desconhecido com atitude e coragem.

É interessante que se critica no Brasil a pouca capacidade para a inovação. Em todos os casos que estudei, a fraca formação de base gerava insegurança e falta de coragem para os saltos necessários. Entrava-se na burocracia de empresa ou de governo, e tudo travava. Um conhecimento a ser retido a partir desta realidade, então, é que a inovação vem de quem tem coragem para romper os pressupostos e tabus que a burocracia se encarrega de semear e, além disso, de

quem sabe lutar pelo conhecimento que não tem. A gestão de comando e o controle não produzem inovação.

Nessa demanda não entra o treinamento tradicional. Trabalha-se aqui a construção do indivíduo pensante, a formação do ser livre pensante. Precisamos daqueles que fazem as perguntas. Raramente precisamos daqueles que acham que têm a solução nas respostas de seu acervo pessoal.

O que temos hoje em dia é todo um aparato de respostas rápidas e superficiais que vêm da biblioteca gigante e disponível que se formou na internet. Na correção de provas de meus alunos em programas de pós-graduação, nível em que se espera responsabilidade e interesse pelo conhecimento, pouco a pouco percebo que o conteúdo vem cada vez mais de "copy & paste" da internet.

Há uma resposta para essa evolução doentia: nos últimos anos, tenho sentido muito a necessidade de associar conhecimento técnico à Filosofia e, em seguida, à Semiótica. Essa evolução é particularmente visível na Administração. Já de muito tempo batemos no teto do conhecimento em Administração para resolver problemas das empresas. Foi percorrendo a Filosofia, a Semiótica e o conhecimento para a criação de estados coletivos de consciência que começamos a encontrar novas soluções para problemas que muitas vezes se arrastam há anos.

Em resumo, cada vez mais o conhecimento virá das empresas inovadoras, e a Academia vai somente correr atrás. Haverá sempre um gap de conhecimento a ser preenchido. Por outro lado, o conhecimento na Academia é atualmente muito influenciado por ideologias, regras, registros que entram em conflito com a realidade da vida que as empresas enfrentam. Como resolver isso? Aí está a pergunta que requer resposta.

Conhecimento e competitividade

Nunca me esqueço do que ouvi da ministra da Educação da França, já há algum tempo, na década de 1970. Aquela época, ela disse que a França estava perdendo competitividade para a Alemanha e para outros países. Como resposta, era preciso aprimorar o ensino e aumentar o número de horas de aula.

Ela estava falando da formação do cidadão; não do treinamento operacional do cidadão. Para poder ter melhores resultados em programas de preparação do ser livre pensante, aberto ao conhecimento novo, não condicionado pelos tabus da Academia e das próprias empresas, cabe uma nova discussão na educação, tanto nas empresas como na Academia. Enfim, parece ser esse também o caminho da discussão do Brasil competitivo.

Na próxima edição da *O Papel*, portanto, prosseguiremos com esta reflexão sobre o conhecimento, falando sobre a China como sociedade do conhecimento e a inovação como base de construção dos países do futuro. Além disso, passaremos pela sustentação e pela evolução do conhecimento na Academia pelo enfrentamento das novas fronteiras do desconhecido. Também veremos o que a NASA e os programas espaciais nos ensinaram e também o que as guerras ainda nos ensinam. ■